

ARTIGO EM PSICOPEDAGOGIA 02

Disciplina é algo que temos que ter para nós mesmos diariamente, seja em atitudes, seja em pensamento e eis aqui um texto sobre o tema direcionado para crianças e jovens...



DISCIPLINA

Atualmente, o tema mais discutido pelos professores é a disciplina e os fatores que promovem a sua ausência no ambiente escolar. Instituída como um mito, ela é analisada através de várias óticas, pois a sociedade na qual se estabelece o seu exercício, além de ser constituída por uma diversidade de culturas, vive em constante transformação. Nesse cenário, evidenciam-se as

demandas diferenciadas e contraditórias por parte dos indivíduos que compõem o meio social, gerando, a partir delas, conflitos e discrepâncias de idéias entre os mesmos.

Levando em consideração esse contexto, subentende-se que a concepção de disciplina mantém uma relação de dependência com o meio social em que está inserida, pois, é de acordo com os princípios e valores pré-estabelecidos pelos grupos que o constituem que se definem as regras que determinam essa disciplina.

No ambiente escolar, para melhor entender de que forma e a partir do que se definem essas regras, é importante retomar a escola no período em que as grandes transformações sociais, políticas e econômicas, causadas pelas revoluções burguesas, abalaram a Europa e a todo o Novo Mundo. Nessa época, a disciplina era encarada sob a ótica política e econômica, isto é, mantida

pelo medo, em consequência do analfabetismo, da falta de conhecimento e informações. Os indivíduos "incapazes" cumpriam as ordens da elite que, por sua vez, era formada pela escola.

No século XIX, com o crescimento do poder econômico do capital industrial acompanhado da ascensão política da burguesia, a escola é obrigada a rever sua estrutura e reorganizá-la de modo a atender às novas classes sociais emergentes dessas revoluções, as quais despontam sob a ideologia liberalista que defende o direito de igualdade de oportunidades para todos os indivíduos. Preocupada em manter a sua existência, a escola projeta-se nesse novo contexto social promovendo a essas citadas classes o acesso ao conhecimento, assistindo-as quanto às suas carências de socialização urbana e de especialização técnica e científica, minando, assim, a falta de mão-de-obra qualificada para trabalhar na indústria. Com isso, a escola se declara isenta quanto à responsabilidade sobre os fracassos das várias trajetórias de vida escolar, tendo em vista atender às solicitações sociais quando a todos os indivíduos são dados direitos de igualdade e oportunidades no momento em que frequentam a escola e acessam o conhecimento. Se a maioria desses indivíduos não aprende, a escola não é a culpada mas sim aqueles que não têm "capacidade" de aprender.

Considerando essa visão, em seu percurso, a escola se posiciona em relação ao aluno como uma mera repassadora de conteúdos, inibindo sua consciência crítica e questionadora. As relações escolares determinadas em termos de obediência e subordinação, com o passar do tempo, são revidadas pelo novo sujeito histórico originado pelas mudanças sócio-culturais. A escola

idealizada e implantada para o indivíduo subordinado torna-se incapacitada de administrar o seu território de maneira a atender esse novo sujeito.

Diante disso, em resistência a essa imposição, a indisciplina se faz presente opondo-se à prática administrativa e pedagógica desenvolvida na instituição escolar, confirmando, assim, as relações controversas entre a escola e as outras instituições sociais. Esse quadro revela claramente o quão importante são as diferentes práticas pedagógicas no ato de conceber o significado de disciplina, bem como na maneira de implantá-la.

Outro fator a ser abordado, no âmbito escolar, é a qualidade das relações entre professor-aluno. Atualmente, o educando, ao ingressar na vida escolar, traz consigo o início de sua história pautada nos hábitos e costumes vivenciados no bojo familiar. No decorrer do seu crescimento, a gama de informações que ele vai acumulando impulsiona-o a cada vez mais questionar a ação educativa desenvolvida na escola. O educador, por sua vez, não estando pronto para responder a tais questionamentos, tendo em vista ser ele produto da educação tradicional, desequilibra-se emocionalmente originando conflitos na relação professor-aluno.

Essa questão torna-se cada vez mais complexa quando se versa sobre as crises de valores pelas quais passa o

homem moderno. Na sociedade (ambiente extraclasses no qual se desenvolve, em parceria com a escola, a formação do indivíduo) as crises eclodem concomitantemente com o avanço tecnológico. Este, promovendo ao longo do tempo recursos avançados, permite ao indivíduo

acessar amplamente o conhecimento, instigando-o, assim, a ser mais ativo e, por consequência, desenvolver em si o senso questionador e crítico.

Tais fatos, produzidos numa sociedade composta por uma variedade cultural cada vez mais competitiva, induzem o homem, em função da conquista de um espaço na sociedade, a agredir, a intimidar e a afrontar seu semelhante. Essas atitudes acarretam um embate entre eles, provocando a falta de tolerância no convívio social. Diante disso, faz-se necessária a imposição de limites para os indivíduos constituintes dessas culturas, pois são eles que determinam as regras que promovem o convívio social harmônico. Considerando esses fatores, as relações no ambiente escolar se pronunciam de maneira inadequada e indisciplinar, não havendo respeito entre aqueles que a praticam. Constata-se isso no instante em que a clientela se manifesta sem estar apta para essa tarefa e a escola, preocupada em contemplar a nova clientela, se prontifica em ouvi-la sem estar preparada para tal exercício. Nesse palco, a indisciplina coloca-se em cena não só pelo despreparo de ambos em lidar com as suas interações, mas, também, pelas reações destes ao estabelecer auto-defesas que garantam suas existências nesse contexto de vida.

Um outro aspecto a ser levado em conta nesse cenário histórico é a família que, provedora das futuras gerações, responde muitas vezes a essas crises com despreparo e insegurança. Suas expectativas com relação ao futuro são permeadas de dúvidas e receios, causando conflitos de gerações. Estas, em suas ações, expressam, na sua maioria, o descaso e a irreverência com que

são tratados os princípios e valores que orientam o convívio social. Esse esboço de vida familiar é explicitado pela sua própria história, enquanto instituição, que se coloca em vários planos no seu percurso histórico. Essa afirmação é constatada quando se confronta a Idade Média (período em que a linhagem e tendências da família são para a indivisão) com a atualidade (período em que as trajetórias direcionam para o individualismo). É claro, portanto, que as divergências desses planos refletem na formação do indivíduo e por conseguinte na da família. Isso implica em afirmar que as

instituições família e escola não podem caminhar independentemente, isto é, sem considerar o ambiente que as envolve, nem tão pouco considerar uma em detrimento da outra.

Concluiu-se, a partir dessas reflexões, que a família deve aliar-se à escola com o intuito de, juntas, intervirem com segurança e consciência no processo de formação desse novo sujeito histórico. Quanto à escola, esta deve evidenciar a responsabilidade do elenco que a forma, no que se refere ao sucesso desse processo. Cônica da importância do papel do professor nessa ação, estimula-o a aprimorar sua prática pedagógica a fim de envolver, mediante o exercício dessa prática, a nova geração com dinamismo, estimulando esses jovens ao comprometimento de alcançarem os objetivos estabelecidos, respeitando a identidade e individualidade de cada um no exercício da cidadania. A postura desse profissional deve ser coerente com a proposta pedagógica da escola para poder desenvolver com confiança sua prática educacional, legitimando o respaldo que aquela lhe oferece.

Enfim, partindo do pressuposto de que as transformações pelas quais estamos passando são frutos da história do homem, logo, da sua própria história, entende-se que a indisciplina é gerada em resposta às várias mudanças que são ou não bem quistas por ele; que a disciplina é resultado do processo educativo, o qual deve objetivar a formação integral do indivíduo, respeitando suas diferenças e, ao mesmo tempo, propiciando condições para integrá-las, adquirindo, assim, resultados positivos nas relações pessoais e no citado processo. Vale ressaltar, portanto, que o papel mais importante do educador é criar meios para o fazer coletivo sem, contudo, eliminar as possibilidades de integração social, de forma que nessa ação conjunta sejam consideradas a autonomia e as diferenças desses indivíduos, promovendo com isso o desabrochar de uma nova ordem social, onde essas diferenças sejam articuladas e respeitadas.

Silvana [Boselli](#) - Formada em Educação Física

e Pedagogia pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília - CEUB.

Pós-graduação em Informática Educativa, cursando pós-graduação em Coordenação e Supervisão Pedagógica na PUC-MG.

Coordenadora Pedagógica no CPEP (Centro de Pesquisa e Estudos Pedagógicos), do INEI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Júlio Gropa (org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 4. ed. São Paulo: Summus, 1996.

GAVALDON, Luiza Laforgia. Desnudando a escola. São Paulo: Pioneira, 1997.

SACRISTAÁN, J. Gimeno, GOMES, A.I. Pérez. Compreender e transformar o ensino. Trad. Ermani F. da Fonseca Rosa. 4.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na

escola. 4.ed. São Paulo: Libertad – Centro de formação e assessoria pedagógica, 1995.

(Fonte: Site do Psicopedagogia on line)